

Educação Popular: Ideário do Prof. Paulo Freire

Convidado pelo Bispo Diocesano, Dom José Rodrigues, o prof. Paulo Freire foi a Juazeiro, BA, onde desenvolveu intensa atividade com grupos de líderes, com padres, freiras, agentes de pastoral e leigos. Concedeu entrevistas às rádios da região, participando diretamente em seus programas. As idéias debatidas nesses encontros são contidas num documento dado a público pelo Boletim Diocesano de Juazeiro «Caminhar Juntos» — maio de 1983. Julgando a matéria de interesse para os nossos leitores, vamos reproduzi-la na forma em que foi divulgada.

EDITORIAL DO BOLETIM

Prof. Paulo Freire na Diocese de Juazeiro

Ao voltar da Assembléia dos Bispos em Itaici, SP, nosso bispo, Dom José Rodrigues, trouxe o prof. Paulo Freire, com a esposa Dona Elza, para treinamento de monitores para uma Campanha de «Educação Popular», em nível diocesano, onde no interior o índice de analfabetismo chega a 90% de adultos.

Paulo Freire e Dona Elza são nordestinos, do Recife. Depois são cristãos, católicos. Um casal maravilhoso, que ficou conosco uma semana!

Na aurora dos anos 60, pela única vez, no Brasil, uma educação foi criativa e sonhou que poderia servir para *libertar o homem*, mais do que, apenas, para ensiná-lo e torná-lo *domesticado*.

Começou na periferia do Recife

No bairro Dona Olegarina, o Movimento de Cultura Popular (MCP), orientado por Paulo Freire, lá por 1961, começava a primeira experiência «Educação Popular». Cinco eram os alunos. Dois saíram; ficaram três. Depois a experiência, porém, que é considerada pioneira, foi em *Angicos* e *Mossoró* no Rio Grande do Norte, lá por 1962.

Estamos, pois, celebrando os 20 anos da «Educação Popular», segundo o «Método Paulo Freire».

Lavradores do Nordeste foram os primeiros homens a viverem a experiência nova do «Círculo de Cultura», em vez de monótona sala de aula. Foram os primeiros a serem alfabetizados, de dentro para fora, através de seu próprio trabalho. Do Rio Grande do Norte, o «Método» foi para João Pessoa, na Paraíba, depois para Sergipe e Bahia.

Do Nordeste para todo o Brasil

Do Nordeste o «Método Paulo Freire», foi levado para o Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, dando sentido novo a velhas palavras: *educação popular* e *cultura popular*.

Os resultados obtidos (300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias) impressionaram profundamente a opinião pública. Decidiu-se ampliar o «Método» em todo o território nacional, com o apoio do Governo Federal. E foi assim que, entre junho de 1963 a março de 1964, foram realizados cursos de formação de coordenadores na maior parte das capitais dos Estados Brasileiros. No então Estado da Guanabara se inscreveram mais de 6 mil pessoas. O plano de ação para 1964 previa a instauração de 20 mil círculos de cultura, capazes de formar, no mesmo ano, por volta de

Quando os processos ali chegados vão a julgamento, geralmente nada mais há a fazer, porque as penas já foram cumpridas...

(O conferencista, neste ponto, fez um pequeno resumo sobre: Doutrina da Segurança Nacional; Conselho de Segurança Nacional; LSN; Competência dos tribunais militares; Polícia Federal; SNI.)

Hoje, prossegue um movimento, que se iniciou durante o processo eleitoral do ano passado, pela revogação da LSN.

Na verdade, é este mais um passo na abertura de reais espaços democráticos.

O Congresso Nacional constituiu uma Comissão especial para tratar do assunto.

Mas não nos enganemos. O que o «Sistema» pretende é a manutenção da atual LSN, com eventuais abrandamentos, desde, naturalmente, que não se chegue a tocar no cerne da questão, que é o esquema de poder que se montou.

Fala-se, então, que o Estado precisa defender-se de seus inimigos e que a sociedade precisa estar armada contra atos de terrorismo.

Ora, os mecanismos de defesa do Estado estão na carta constitucional, como ficou assinalado, e as leis penais comuns contemplam os delitos chamados de «terrorismo», como o seqüestro, o incêndio, as explosões etc.

E nem se apele para o exemplo de países como a República Federal Alemã, a Itália ou outros países da Europa ou da Ásia, que, ultimamente, editaram leis duras para o combate ao terrorismo. As situações são absolutamente diferentes e diferentes as condições vigentes lá e aqui, para que acompanhem essas legislações. Pois, se aqui até existe um terrorismo praticado pelo próprio Estado (o Riocentro, *O São Paulo*, o caso Baumgarten e tantos outros)! E, ademais, nesses países existem mecanismos que podem ser imediatamente acionados e que visam à preservação das liberdades individuais acaso ameaçadas pelos excessos do poder público, o que não acontece no Brasil. Aqui é preciso ter muito cuidado com esse tipo de legislação, cuja finalidade não será a da segurança do cidadão, mas a edição de mais um instrumento de opressão.

E nem se fale da substituição da LSN, por uma chamada lei de defesa do estado democrático, porque se trata de mera substituição de nome, de designação. Em primeiro lugar, porque não vivemos num estado democrático. Depois, porque os mecanismos de defesa do Estado estão na própria carta constitucional. E, finalmente, porque a Segurança Nacional não depende de leis, mas de estarem os cidadãos conscientes de seus direitos de participação no processo político, social e econômico.

Um Estado democrático não precisa de uma lei específica de Segurança Nacional, ou de defesa institucional. Uma e outra se fazem pelos mecanismos existentes nas normas constitucionais e nas leis ordinárias, penais ou não, sem tribunais de exceção, sem órgãos de informação, sem polícias políticas.

A luta pela revogação da LSN é, no momento, uma das lutas de maior significado para a ocupação de novos espaços que irão desaguar numa democracia sem qualificativos, na qual todos os brasileiros sejam iguais perante a lei e possam, igualmente, exercer os seus direitos, construindo uma sociedade nova, onde todos tenham vez e voz — onde, enfim, haja Justiça e Paz.

ser Se-

quando
creto-lei
locações
stificativa
à segu-
ssim ma-

lado, o
intenção
ados, em
conceitos,
de toda
ndem às
ia um de

tiça que

istória.

feita às
9, fazem
maior sig-
lor demo-
ado, nem

38, de 4
contra a
iça, pro-
lara dos
clamava
al demo-
a contra
para a
de Segu-
litares e
e mili-
emos na

arma de
tra hoje
nte para
agurança

Estados,
spondem
ros bra-
o cam-

primeira
instru-

comum,
a compe-
civis —
melhante
itos dos
Militar.
uito bem

mento o
umano e
o que
hega ao
vezes, já
omo fim
dele se
al, consi-
mo uma

ivamente

ção pelo
iça Mili-
ndamen-
nexiste.

2 milhões de alunos. O círculo educava, em dois meses, trinta alunos. Teria acabado o analfabetismo no Brasil se esse «plano de ação» tivesse sido levado adiante!

Mas veio o Golpe Militar de 1964

E acabou com tudo! Paulo Freire foi para o Chile com a família, com o sonho e com o «Método». Todos exilados do País por 16 anos. Em lugar do «Método Paulo Freire», foi criado o «Mobral» que, depois de 18 anos, deixa 30 milhões de analfabetos no Brasil.

Paulo Freire viajou pelo mundo, por 80% do mundo, sempre a convite de Universidades: nos Estados Unidos, na Europa, residindo por 10 anos em Genebra, na Suíça, chegando à África e à Ásia.

Em que consiste o «Método Paulo Freire»?

Paulo Freire acredita que o dado fundamental das relações de todas as coisas no mundo é o diálogo. O diálogo é o sentimento de amor tornado ação:

1. As trocas entre o homem e a natureza são originalmente regidas pelo diálogo. Paulo Freire, pernambucanamente, pois é do Recife, fala mesmo do: «diálogo do homem com a natureza», isto quer dizer que as coisas que existem, no mundo, da terra ao feijão ou milho, são dadas ao homem. Elas existem para ele e se oferecem ao homem para serem dominadas por ele; para serem amosadamente transformadas e significadas pelo homem e para ele. O homem responde à dívida da natureza com o ato do trabalho. O trabalho do homem é a sua parte no diálogo que deveria ser o fundamento de todos os outros atos humanos. Com o trabalho solidário sobre a natureza, o homem cria a sua cultura, transforma o mundo, faz a história e dá sentido à vida.

2. Em si mesmas, as relações entre os homens não são mais do que um outro momento de um mesmo diálogo. Do mesmo modo como o homem depende da natureza para sobreviver e a natureza depende do homem para ter sentido, os homens dependem uns dos outros para sobreviverem e darem sentido ao mundo e a si mesmos. Por isso mesmo, o diálogo não é só uma quantidade do modo humano de existir e agir. O diálogo é condição deste modo e é o que torna humano o homem que o vive.

Paulo Freire acredita em coisas simples

1. Educação é diálogo entre educador e educando: Ninguém sabe tudo; ninguém é inteiramente ignorante. O educador aprende com o educando; o educando aprende com o educador. Por isso condena a «educação bancária», em que o educador despeja no educando conhecimentos ou ciência.

2. Educação é ato comunitário: Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Nós nos educamos em comunidade.

3. Educação é processo permanente: Nós nos educamos a vida inteira, até a hora da morte.

4. Educação é ato de liberdade: Fala muito de «Educação para a Liberdade», por isso ela é crítica, parte da realidade.

5. Educação se faz na ação e na reflexão: Deve ser a reflexão de uma práxis. Por isso, ele procura as «palavras geradoras» ou «temas geradores» da vida dos educandos.

Como seriam as etapas da Educação Popular

Em Pernambuco, estavam previstas as seguintes etapas:

1. Alfabetização infantil;
2. Alfabetização de adultos;
3. Ciclo Primário Rápido;
4. Extensão Universitária (Universidade Popular);
5. Instituto de Ciências do Homem (Pensado para ser criado na Universidade Federal de Pernambuco);
6. Centro de Estudos Internacionais (com foco sobre questões do Terceiro Mundo).

EDUCAÇÃO POPULAR

(Depoimentos de Paulo Freire)

Igreja

«Eu sou esperançoso por duas razões básicas: uma pelo fato de vir experimentando ser cristão dentro de mim. Me parece um paradoxo terrível você se experimentar cristãmente e ser desesperançado. Agora, essa desesperança aparece como acidente, como essência da miséria do mundo cristão. Do outro lado, eu sou esperançado pela própria inserção minha na história. Isso me dá uma consciência muito grande dos limites da história. Nenhuma geração vê o que gostaria de ver, nenhuma geração. Mas o que é preciso é que a geração, mesmo sabendo que não vai ver aquilo que ela gostaria de ver, ela se tome da consciência de que, se ela não fizer o mínimo que ela pode fazer, hoje, nem sequer a outra geração que vem vai ver o que ela gostaria de ver. Então isto me dá uma perspectiva, e isso é que me dá uma paciência impaciente. Eu vivo pacientemente impaciente. Nunca só paciente e nunca só impaciente. E é por isso que eu sou esperançoso. O sujeito que é só impaciente, ele distorce a Esperança. O sujeito que é só paciente, trai a Esperança. E não é possível cruzar os braços e dizer: afinal de contas, o Reino do Céu será nosso. Porque esse Reino precisa começar a ser feito aqui mesmo. Isso me dá sentido da Esperança.»

A Páscoa da Igreja

«Outro ponto que é fundamental para nós, é fazermos tudo que pudermos, realmente, no ponto da solidariedade com os grupos dos oprimidos na hora do porrete. Isso a Igreja está fazendo. Inclusive, eu acho que a Igreja, no Brasil, depois de séculos, começou a fazer a Páscoa. Antes, ela falou muito da Páscoa, muito sobre a Páscoa. E ela tem agora se comprometido. As vezes, com a melhor das intenções, nós os intelectuais, a gente se nega, na hora de dar o apoio e diz: 'Não era bem isso que eu queria. Se você pensa que vem aqui ensinar nós a derrubar o pau, não precisa; porque nós já sabe. O que nós quer saber é se você vai ficar aqui com nós, na hora do tombo do pau' (frase de um lavrador do Maranhão).

É essa presença na hora que o pau tomba e aí então, tomba na cabeça da gente, que a gente precisa também. Precisa descobrir que existe solidariedade. Houve uma mudança, mas essa mudança se deu quando os padres e as freiras, inclusive estrangeiros, que têm testemunho de engajamento nesse País. São dados que eu tinha no exílio. É claro que a quantidade de sacerdotes e freiras estrangeiros não seria suficiente para transformar o Brasil.»

Uma releitura do Evangelho

«Esse mesmo processo de descoberta de uma releitura do Evangelho foi feito também pelas freiras e padres brasileiros. É claro que há exceções:

brasileiros e rios. O que que os padres visão do missão da Igreja dada em que deles para periféricas, que as CEB momento as como sendo a voz era E lá fora neira a Igreja mesmo. Na freiras com a conviver ras, foram bispos e os a figura de — «Essa fi Dom José.»

A história

«Agora, De história exi Hélder foi profeta. Na Hélder, foi tizou Dom do povo. História, é é esta que porque der bém. A Igr dicional, é ser modern Não é u lismo. Igre sobretudo se deu fo aceleração

Igreja prof

«O histori que estuda deixar de absolutam não é pos Igreja que Mas, eu histórico dessa inq deste, ex de miséri leira se a tica daqu permite q bém que que redu: história. Marx agt sempre é chegam'. história inclusive esta ger. Nordeste partir da Marx diz se faz a feito por foi a in nhada? tem.»

de Popu-
(Pensado
ederal de
(com foco

básicas:
er cristão
o terrível
desespe-
ece como
ndo cris-
pela pró-
dá uma
história.
ver, ne-
é que a
er aquilo
consciên-
que ela
geração
r. Então
e me dá
ntemente
só impa-
çoso. O
a Espe-
a Espe-
e dizer:
á nosso.
ser feito
ança».

is, é fa-
o ponto
mos na
o. Inclu-
epois de
ites, ela
iscoa. E
, com a
a gente
Não era
ue vem
precisa;
er é se
o tombo
ão).
iba e af
a gente
ste soli-
nudaça
nclusive
jamento
xílio. É
freiras
sformar

ta relei-
freiras
ceções:

brasileiros e estrangeiros que são mais reacioná-
rios. O que acontece é o seguinte: na medida em
que os padres e as freiras passaram a ter uma
visão do mundo diferente, necessariamente, a vi-
são da Igreja também diferenciou. Então, na me-
dida em que eles começaram a se lançar no mundo
deles para discutir com os camponeses, nas zonas
periféricas, periferias de cidades, na medida em
que as CEBs começam a ganhar sentido, em certo
momento as CEBs e a Igreja funcionaram assim
como sendo uma espécie de único espaço em que
a voz era viável, em que a palavra era possível.
E lá fora a repressão era terrível. De certa ma-
neira a Igreja virou assim uma espécie de mãe
mesmo. Na medida em que esses padres e essas
freiras começaram necessariamente a ouvir mais,
a conviver mais com o povo, os padres e as frei-
ras, foram eles que começaram a evangelizar os
bispos e os arcebispos». — Paulo Freire lembrou
a figura dos bispos antigos e concluiu dizendo:
— «Essa figura de bispo não tem nada a ver com
Dom José».

A história conscientizou

«Agora, Dom José cismou de ser assim? Não! A
história exigiu de Dom José que assim fosse. Dom
Hélder foi integralista na juventude, hoje é um
profeta. Não foi carbureto nenhum que fez Dom
Hélder, foi a própria história. A história conscien-
tizou Dom Hélder. Ele é um amoroso do mundo e
do povo. Quem conscientiza é a história. E, na
história, é o conflito, é a luta. A Igreja profética
é esta que tem em parte aqui, com contradições
porque dentro dela tem um bando tradicional tam-
bém. *A Igreja profética é tão antiga sem ser tra-
dicional, é tão nova quanto a mensagem cristã sem
ser modernizante*

Não é uma Igreja moderna, segundo o capita-
lismo. Igreja que acredita na morte e na vida,
sobretudo na vida. É a Igreja da Páscoa. E isso
se deu na história, e houve com isso uma
aceleração histórica extraordinária».

Igreja profética

«O historiador deste século, do século que vem,
que estuda a transformação brasileira, não pode
deixar de compreender o papel dessa Igreja. É
absolutamente impossível, queira ou não queira,
não é possível negar a presença, esse pedaço da
Igreja que virou profética e assumiu mesmo.

Mas, eu repito, essas coisas se deram no espaço
histórico brasileiro. Não é por acaso que muito
dessa inquietação se tenha dado junto ao Nor-
deste, exatamente pela situação precária, terrível
de miséria que a população dessa região brasi-
leira se acha. Querer também dessa Igreja profé-
tica daqui do Brasil, o que a história ainda não
permite que ela faça, não dá. Eu não quero tam-
bém que se pense que sou um cara historicista
que reduz tudo à história. Porque a gente faz a
história. Mas eu vou fazer uma citação até de
Marx agora: 'as gerações fazem a história, porém
sempre a partir daquilo que encontram quando
chegam'. O que vale dizer que os seres fazem a
história a partir de um conceito, de um ideal,
inclusive depende deles. Toda transformação que
esta geração nova que está chegando hoje no
Nordeste vai ter que fazer, vai ter que fazer a
partir daí, e não do que está aqui na cabeça.
Marx diz que é a partir do que se encontra que
se faz a história. E ao fazer-se a história, se é
feito por ela. E isso é a Igreja. E por que a Igreja
foi a instituição que mais avançou nesta cami-
nhada? Exatamente pelo poder que ela também
tem».

Fatos novos na história

«No Brasil, há dois anos e meio atrás, eu encon-
trei aqui, quando cheguei, dois fatos muito novos
na história brasileira, realmente inéditos: de um
lado, esse papel, essa Esperança profética da
Igreja como estimuladora das CEBs que são real-
mente fato novo na história política desse país.
Outro fato novo na história política desse país
é a consciência nova de grande parte das classes
trabalhadoras, sobretudo urbanas, de centros como
São Paulo. É a Esperança de que isso possa se
espalhar. É a primeira vez, na história brasileira,
que grupos de trabalhadores resolvem, com muita
consciência, dizer não à arrogância dos intelectuais
e dizer sim ao intelectual que pretende, realmente,
trabalhar com esse grupo de trabalhadores. É a
primeira vez, é um fato novo que tem que ser
não apenas estudado, fazer tese de doutoramento,
mas vivido e aproveitado como fermento de trans-
formação política do País».

Há imposição de libertação?

«Essa é uma forma autoritária de pensar de ver-
dade. Agora é preciso, também, que a gente ana-
lise bem. Nem sempre está havendo uma imposição
da libertação. Às vezes a gente não está tão
necessariamente preocupado com a libertação. A
preocupação com a libertação é válida, porque é
legítima. *Ela deve ser exigida*. A gente assim fica
tão impositor que não é capaz de compreender,
por exemplo, o medo do oprimido. E pretende
fazer a transformação do mundo num decreto.
Isso termina. Aliás, o povo sabe bem disso. O
processo de libertação não pode ser feito de forma
impositiva sobre os oprimidos. A libertação parece
impositiva sempre aos opressores; os opressores
que se danem, porque a libertação tem que ser
feita contra eles. Se a gente for pensar que é
possível convencer os opressores de que eles não
devem oprimir, não há libertação. Individualmente,
sim, é possível. A história está cheia de pessoas
que saem da classe dominante e fazem a Páscoa.
Quer dizer: morrem enquanto dominante e ressus-
citam enquanto libertadores pela libertação. A
história está cheia disso, Marx foi isso também.
Agora, como grupo social, como classe social,
maciçamente, a história não conhece ainda nenhuma
conversão coletiva, entende? Porque um grupo
de dominantes no momento em que perde o poder
de dominar, ele se sente oprimido. Por que isso?
É explicável isso».

Para o dominador a liberdade é a liberdade de dominar

«No momento em que ele perde a possibilidade
de dominar, ele diz: 'póxa! esses caras estão
dominando!' Só porque ele já não pode dominar,
entende? Então, a concepção humanística do domi-
nante é muito estranha, porque, na verdade, ela
é profundamente egoísta. Então, o dominador ao
dar um cheque de milhões de dólares ou de cru-
zeiros, é como se ele comprasse o direito de falar
da libertação! Mas não é assim que se liberta. É
claro que, em toda história, tenho sempre visto
isto: os grupos dos dominantes se sentem ofendi-
dos, humilhados, dominados, quando já não podem
dominar. O grande perigo que eu vejo no pro-
cesso da libertação, é que uma liderança da liber-
tação possa terminar por manipular as massas
populares na busca da sua libertação. Esse é o
fenômeno que pode ocorrer e junto ao qual deve-
mos estar de olho aberto».

Com relação aos opressores, a reação é essa. É claro que há exceções. Há representantes da opressão, da dominação, que até sentem tudo isto. Vão descobrindo o processo humanizador que existe na libertação mesma e não na espoliação dos outros».

A luta é contra o capitalismo e não contra pessoas

«O sistema capitalista tem uma natureza que inclusive se vem constituindo historicamente, na medida mesma em que o sistema capitalista se baseia na expropriação. Não há capitalismo fora da expropriação do produto do trabalho do trabalhador. E a expropriação do produto do trabalho da força do trabalhador se prolonga na expropriação da própria existência do trabalhador.

Quer dizer: é a existência inteira expropriada. Agora é claro que dentro dessa, historicamente se observa e vê que há (na medida em que o sistema capitalista se vai modernizando, tecnologicando com o avanço das ciências, etc...), águas de flor de laranja que o santo capitalista vai oferecendo e com as quais a expropriação vai tendo uma aparência amenizada. E dá, assim, às vezes, a ilusão de que ela já nem existe. Num país pequeno, na Suíça, se enxerga contradições menos visíveis, que nos Estados Unidos, por exemplo, país maior».

Estados Unidos

«Os Estados Unidos geram contradições sociais extraordinárias, raciais. Se não geradas pelo capitalismo, mas estimuladas por ele. E são contradições que você pega e vê. Você vê, nos Estados Unidos, pobreza num nível calamitoso. Quem anda só em Chicago, Nova Iorque, Boston... não vê isso. Mas, se você começa a entrar um pouco em certas áreas periféricas de algumas grandes cidades, como eu andei; eu vi, por exemplo, muito perto da Universidade de Indiana, a negação de 10 minutos de automóvel, eu vi paredes de gabinetes sanitários iguais às do Nordeste. A única diferença é que, como lá é um negócio tecnologicado, as paredes eram feitas com portas de automóveis, pedaços de ferro, com madeira de caixão grande de automóvel. Eu vi e fui levado para ver isto por um professor antropólogo norte-americano. Você vê esse fato que eu vou contar é impressionante. Esse antropólogo me levou no carro dele, a 10, 15 minutos da Universidade, eu vi. E se vocês me perguntam: 'Paulo, tinha a mesma generalidade, a mesma intensidade que a pobreza do Brasil?' Não, não tinha. Tinha menos, é claro. Mas você analisa a pobreza dos brancos e dos negros. É um negócio tremendo. Você sai de uma área de negros e brancos paupérrimos, para uma área de classe média branca. A fronteira se dá ecologicamente. Mudam as plantas, mudam as calçadas. Há uma mudança brusca, radical, de uma área para outra. Um dia eu falei aos estudantes sobre essa área, essa favela.

E eles disseram que não, que eu estava mentindo. Que não era possível que isso houvesse nos Estados Unidos. Então você vê o que é a dimensão ideológica. É preciso dizer que aquilo não existe, porque os Estados Unidos são, na verdade, uma potência mundial. E é um absurdo que isso exista. Mas há, e tem outras coisas nos Estados Unidos».

Não existe povo ruim nem povo bom

«Agora, vê bem: isso é porque o povo americano não presta, é ruim? Não! Porque aqui a gente

tem coisa pior ainda e eu não digo que o povo brasileiro é ruim. Não existe povo ruim nem povo bom; o que existe simplesmente é povo que está sendo historicamente. É o danado sistema que cria estas coisas! Agora, evidentemente, o sistema capitalista dos Estados Unidos, na Suíça, na Suécia, ele alcançou um nível de poder, de potência. Então, evidentemente, ele tem recursos para prolongar a sua própria vida com salário de desempregado, com tudo isso ele vai amenizando a própria dureza dele. O capitalismo do Brasil é um capitalismo grosseiro. As multinacionais, inclusive, fazem coisas que não podem fazer nas suas sedes. Eu queria ver a Volkswagen fazer na Alemanha o que faz aqui! Não dá para fazer! Negar estabilidade aos operários da Alemanha, tá doido, só! Mas aqui nega e a polícia apóia. O operário se junta, faz uma greve; cadeia, polícia e Lei de Segurança Nacional. A greve é ilegal. Os patrões se reúnem e fazem uma greve. Mas não chama greve, se chama 'lockout' e não está na lei, não há nada contra. Há sugestões que podem... Os caras têm o direito de se reunir e acabar com os ônibus. Não há mais ônibus para a população».

Libertação permanente, duradoura e total?

«Olha, eu acho que ninguém sabe da viabilidade de uma libertação permanente, duradoura e total. O grande mistério disso tudo é que tudo isso vai se dando, é processual, se dá na história, não na cabeça da gente e não no chamado coração da gente. Mudar as pessoas, dar um jeito para ver se as pessoas ficam boas, daí transformaria o mundo em angelical. Isso não é possível na história. Agora eu acho que isso é absolutamente fundamental. Esta inquietação faz parte hoje de milhares de jovens e de velhos. Estão no mundo todo fazendo esta pergunta. E nesse fim de século que é exatamente a seguinte: é ou não é possível? Se nós os seres humanos engajemos num processo, numa experiência de criação, de recriação, vale dizer, de liberdade, que seja mais duradoura, que não corra o risco de em três meses de burocratizar, como a Polônia, por exemplo».

Mais e mais práticas democráticas

«Um movimento como o 'Solidariedade', para mim, é uma esperança dessa busca. É um anúncio de ruptura com o sistema e com a burocracia partidária, burocracia mental. É um treco que eu tenho a impressão que de um lado a gente não poderia cair num otimismo ingênuo e, no outro, cair em desespero. Temos que viver no equilíbrio, constantemente que, no fundo, a gente vive em situações-limites. A gente vai ter que ir aprendendo a superar essas situações-limites. Eu tenho a impressão que um passo no sentido de marchar nessa direção, é o de a gente, em qualquer lugar, ir experimentando mais e mais práticas democráticas, no lugar de práticas autoritárias. Por exemplo: quando a gente critica a transferência do conteúdo do saber, o fato de quem se julga sabendo e quem a gente julga que não sabe. Quando a gente critica esse processo de transferência do conhecimento, a gente está criticando uma expressão do autoritarismo. A crítica, não apenas verbal, mas prática a expressões autoritárias, é uma contribuição que se pode dar a esta experiência de liberdade mais demorada.

Afinal de contas, manter ou desrespeitar a cultura de um grupo humano é uma das formas de violência. Não importa que às vezes a gente faça isso pensando que a gente quer bem ao grupo ou à comunidade. Por exemplo: o preconceito de

que
fundi
dos
respe

Lingu

«Nes
const
da lí
A c
guês
isso,
forças
quem
está
precis
eu ap
de qu
mão
cápsul
e catu
óbvio
Eu m
me d
cabeça
é o d
que e
chegar
dos de
eles a
domina
guagen
na for
melhor
do pen
porque
com a
mento,
com a
o meio
obstácu
no prol
e você
versar.
educaçã
propor
que bal

A perce

«Isso si
um gru
mundo,
grupo e
isso. Os
autoritá
preensão
popular,
também
partir d
sua real
lado de
do lado
não atra
Pode se
cá e lá
para o
significa
passar r
passager
gente nã
quer, em
trazer o
Páscoa!
é inválid

ue o povo
nem povo
o que está
a que cria
istema ca-
na Suécia,
potência,
para pro-
de desem-
do a pró-
asil é um
, inclusive,
uas sedes.
lemanha o
tr estabele-
dido. só!
perário se
e Lei de
Os patrões
ão chama
a lei, não
tem... Os
ar com os
ulações».

at?

viabilidade
ra e total.
o isso vai
ia, não na
oração da
para ver
ormaria o
na histó-
mente fun-
je de mi-
no mundo
de século
é possível?
o processo,
ação, vale
loura, que
o burocrá-

para mim,
número de
cia parti-
e eu tenho
o poderio
, cair em
, constan-
situações-
lo a supe-
impressão
essa dire-
, ir expe-
ocráticas,
exemplo:
o conteúdo
lo e quem
a gente
o conheci-
ressão do
rbal, mas
na contri-
iência de

tar a cul-
formas de
gente faça
grupo ou
nceito de

que a forma de estar sendo da gente, que no fundo é cultura, é superior à forma de estar sendo dos outros. É um negócio terrível! É falta de respeito!».

Linguagem

«Nesse aspecto da cultura entra outro que se constitui um problema nevrálgico que é o problema da linguagem.

A questão do chamado português certo e português errado. Quem é que tem o direito de fazer isso, senão o dominante, a força dominadora, as forças que têm poder na sociedade? É claro que quem não tem poder, não diz e não percebe que está errado. Isso é muito óbvio. Mas a gente precisa discutir o óbvio. Aliás, é uma coisa que eu aprendi ao longo da minha vida; essa coisa de que, quanto mais a gente pega o óbvio na mão e um dia racha o óbvio, faz como uma cápsula descartável e olha o óbvio de dentro assim e cataca o óbvio. Daí a gente descobre que o óbvio não era tão óbvio quanto a gente pensava. Eu mesmo tenho me metido em obviedades que me dão susto. Então, quem é que me mete na cabeça que 'nós fumo' não é certo, quem é? Qual é o direito que eu tenho de dizer ao camponês que ele não pode continuar dizendo: 'a gente chegamos'. Agora, é claro, no processo de luta dos dominados, é absolutamente fundamental que eles apreendam os instrumentos de poder dos dominadores. E um desses instrumentos é a linguagem. Então o dominado precisa aprender ali, na forma sintaxe do dominante, para poder brigar melhor. Afinal de contas, a linguagem é estrutura do pensamento. Esses problemas são importantes porque, às vezes, a gente domina o camponês só com a maneira de falar. Quer dizer, até o momento, que a gente não é capaz de se sensibilizar com a forma, por exemplo, como o povão fala, é o meio de a gente se comunicar com ele. Um dos obstáculos da nossa comunicação está obviamente no problema da linguagem. Se eu entendo pedra e você entende sapato, não dá para a gente conversar. Outra coisa óbvia é que os conteúdos da educação, da evangelização, que a gente pretenda propor aos populares, como ponto de partida, têm que bater na realidade concreta dos grupos».

A percepção do grupo popular

«Isso significa o seguinte: eu não posso lidar com um grupo, partindo da minha compreensão do mundo, mas da compreensão do mundo que o grupo está tendo, não da minha. É um absurdo isso. Os educadores às vezes o fazem, porque são autoritários. Se eu pretendo impor a minha compreensão do mundo aos estudantes ou ao grupo popular, eu estou fazendo uma certa violência que também deixa marcas tremendas. Nós temos que partir da percepção que o grupo popular tem da sua realidade. Exemplo concreto: se eu estou do lado de cá de uma rua e quero, em seguida, estar do lado de lá, eu não tenho outro caminho senão atravessar a rua para passar do lado de lá. Pode ser que no ano 2500 alguém possa estar cá e lá ao mesmo tempo. Hoje não pode. Só vai para o lado de lá, se passar. No fundo, é a significação profunda da Páscoa. Quer dizer: é passar mesmo. E há uma implicação nessa tal de passagem, que é um negócio. E é isso que a gente não faz. Porque, no fundo, o que a gente quer, em vez de atravessar, é sacudir o anzol para trazer o cara de lá para cá. Depois fala de Páscoa! Quer dizer, não é possível. Isto para mim é inválido, do ponto de vista da pedagogia e da

teologia. Se a perspectiva do educador é reacionária, então está excelente! Agora, se for libertadora, não dá. Eu não posso chegar lá, do lado de lá, partindo de lá. Porque, se não, eu não partiria de lá, porque já estava lá. Ninguém chega lá, partindo de lá, mas partindo de cá. E é por isso que teologicamente ninguém chega à transcendência, a não ser partir da mundaneidade. E o espaço entre a mundaneidade e a transcendência é a história e o mundo em que a gente caminha. Isso é fundamental não só do ponto de vista teológico, é pedagógico e é político. O que eu quero discutir é a coisa concreta, quer dizer, os programas, os conteúdos. Os métodos de trabalho têm que ir forjando-se da minha experiência com os grupos populares. No fundo, eu tenho que me ensopar (este é o verbo). Me ensopar como? Nas chuvas culturais do povo. Se não, não dá para entender, então vira uma proposta elitista. Pode ser até puritana, talvez, mas não é histórica. É a dimensão da força».

Como chegar à libertação?

«Eu não sei se vou ser capaz de dizer o que estou pensando. Quando eu era menino, jovem no Recife, se costumava fazer uma coisa que era a seguinte: tirar uma fruta bem longe ainda do estado de maturação e metê-la no carburato. Então, com uma rapidez enorme, o carburato superava o processo vital da manga, por exemplo. Acontece que quem chupava a manga se estrepava. Era um sabor falso o da manga. A impressão que eu tenho é que os acontecimentos históricos não amadurecem com carburato. Quer dizer: em história, carburato não funciona. Em história, os acontecimentos vão amadurecendo. Isso não significa que eles não amadureçam rapidamente em função de outros elementos da própria história, que são elementos contraditórios. Que aceleram o amadurecimento da reforma. As contradições aguçam de tal maneira que a capacidade de responder ao desafio da contradição se acelera e dá uma impressão de carburato, mas não é. Mas eu compreendo quem queria usar o carburato, mas acontece que há algo maior do que a angústia pelo carburato: é a história deles».

Nicarágua

«Um amigo meu me disse: 'mas, Paulo, na revolução nicaraguense não foi carburato?' Eu disse: Não! Em 1934 foi assassinado o grande líder dessa revolução: Sandino. Foi em 34 arregimentado o seu exército popular contra as pressões norte-americanas. Sandino começou a brigar, possivelmente, na década de 20. A revolução é uma continuidade. Há uma historicidade na transformação. A gente é que não vê, às vezes, isso. Eu estava pensando: a revolução da Nicarágua, em 1979, foi em 77, exatamente, quando se começou a falar, no mundo todo, da luta guerrilheira. Mas, antes, ninguém sabia que Sandino tinha sido morto já em 1934. Não foi por acaso que os atuais líderes se dizem «sandinistas».

Não é possível domesticar o tempo

«Então eu acho que não há carburato. Isso não significa que dentro de uma contingência histórica nacional e internacional poderia levar esse país a uma mudança muito mais rápida do que a gente espera. Eu acho que não é possível a gente domesticar o tempo, isso não dá. No Brasil perdemos muitos líderes na tentativa de amadurecimento da história com carburato. Tem outra coisa inclusive, quando algumas pessoas me falam dos exem-

plos da Nicarágua e Cuba, com relação ao Brasil. Há uma outra dimensão da história que é o espaço. Em primeiro lugar não há história no vazio. Há história, mas no espaço sempre, e espaço geográfico que é um espaço cultural e histórico».

Não há diálogo entre antagonicos

«A minha proposta não é a do amaciamento, do apaziguamento. Sou um cara que tem escrito que o diálogo não se pode dar entre antagonicos. Esta é uma afirmação muito radical. Diálogo só dá, na verdade, entre iguais ou diferentes, não entre antagonicos. Entre antagonicos se faz pactos. Quem faz uma afirmação desta, não está pretendendo colocar nenhum molho em cima da história. Eu tenho profundo respeito pelo processo histórico. É isso que às vezes me angustia e não alimenta. Se dependesse de mim, se eu pudesse, tivesse o poder de mandar na história, eu decretava agora, aliás, já tinha decretado há muito tempo, que esse treco não continuaria mais. Arrebatava com esta estrutura que é um absurdo. Mas não sou, e nenhum de nós é».

Sempre é possível começar de novo

«As comunidades têm os níveis de percepção. Esses níveis são também históricos e às vezes há uma proximidade geográfica de uma comunidade para outra. Mas, certas razões, que a gente não conhece, são suficientes e é claro para que os fatos históricos permaneçam na memória. São capazes ou de estimular o avanço ou de detê-lo. A questão do nível da percepção da realidade é muito mais mágica. Uma religiosidade preponderantemente mágica, medrosa, de pecado, ou certos fatores que você pode perceber através da percepção que é sempre social que o grupo tem. E por isso mesmo, uma mesma coisa que você faz, uma mesma prática, uma mesma tática que você usa numa comunidade, pode ser usada na outra. A reação pode ser completamente diferente. Não é possível superar uma situação a não ser a partir da situação e não de outra. Por exemplo, para uma comunidade de reza tradicional, por que não pegar o Evangelho, ler o Evangelho e começar a indagar entre a palavra do Evangelho e o mundo da comunidade? Afinal de contas, a palavra do Evangelho é histórica. Existe uma historicidade, continuação de estar sendo, dentro do tempo, dentro do espaço. Eu não posso entender o Evangelho, primeiro, se eu me entrego passivamente a ele, não posso ser enchido pelas palavras do Evangelho. Segundo, não posso entender o Evangelho se eu não fizer uma ligação entre a palavra do Evangelho e meu contexto aqui. Ao ler o Evangelho, eu leio o meu mundo. Às vezes, a gente pensa que é o povo que está atrasado ou que é o povo que está indolente, nunca a gente pergunta à gente, se a gente não errou. Eu acho que haverá sempre caminho para começar de novo».

O dominador é que diz o discurso que a gente deve usar

Indagado sobre uma mudança imposta no conteúdo de uma prática religiosa considerada alienante, se o certo não seria debater esse conteúdo com a comunidade, Paulo Freire disse: «Quem é que diz que é alienante? Eu? O que é que eu digo que é alienante? Porque eu tenho saber, eu concluo, então, que eu sou o cara que descreve a comunidade como ela é. Esse é um procedimento típico do dominador. O dominador é quem diz o

discurso que a gente deve usar. Eu acho um absurdo isso. Isso não tem nada que ver com ser espontaneista, quer dizer: deixar como está para ver como é que fica. Não, não é isso que eu proponho. Eu aproveitaria para debater e problematizar a chamada alienação que possa estar lá. De repente, chega o cara lá, com um novo canto, e rasga o antigo em nome da libertação. Eu acho que está errado».

Grupos antagonicos, como agir?

«Eu acho que uma das coisas importantes que o grupo libertador deveria fazer era somar 'poder'. Era ampliar o poder, aumentar o círculo. Se o grupo renovador é pequeno demais, tudo indica que ele será abafado, na primeira tentativa que ele faça. Ele terá que aprender a como medir forças. Para isso ele vai ter que aumentar os seus membros. Se ele tem 5 e o outro 120, é um negócio meio difícil. É um trabalho político. As táticas, a gente vai criando na hora mesma. Isso se deu, está se dando na CNBB. Houve um momento em que os bispos progressistas eram uma minoria. E foi crescendo a ponto de que na Assembléia de Itaipó, os bispos não temerem em fazer o jogo para mostrar a opinião pública que Dom Luciano Cabral, que é bispo também, tinha todo o direito de discutir e debater».

Libertação, assistencialismo e miséria

«Eu acho que a gente precisa fazer uma revisão desse negócio de assistencialismo e libertação. Eu tenho a impressão de que é um absurdo que alguém deixe uma família morrer de fome porque não é assistencialista, porque a libertação não é dar comida. Mas é de lasciar! Você já imaginou que eu diga a um filho meu: olhe, meu velho, eu podia até dar-lhe uma mãozinha agora, para você não cair da janela. Se eu segurá-lo na janela que você está no 6º andar... assim você fica aí e se resolve se cai ou não. E o cara se atira, lá de cima, em nome da liberdade dele. Não dá! Uma coisa é você ter uma prática assistencialista enquanto modelo de ação e a outra coisa é você ter uma necessária solidariedade humana. Eu te confesso que para mim era inviável dormir se eu soubesse que deixei o cara com fome em nome da minha ideologia. Eu acho que isto é profundamente estreito».

Todos devem agir

«Pode haver a ação da comunidade. Agora eu acho o seguinte: o agente de pastoral deve juntar um gesto seu. Uma compreensão social desse eixo. O sujeito que tem fome por causa de uma operação de amígdalas ou tem fome porque está fazendo a dieta e quer ficar bonito, não sabe o que é passar fome. Ou quem faz jejum na semana santa e come uma lauta bacalhoadada. Fome, você sabe quando você tem fome e não sabe quando vai comer. Há um espaço indefinido entre a carência da comida e a possibilidade de superá-la. E esse espaço é indeterminado. Daí o cara sabe o que é passar fome. Eu acho impossível a mim dizer ao cara que chega dizendo que está com fome: 'não posso fazer nada, porque não sou paternalista'. Agora, atendendo o cara, é necessário trabalhar imediatamente com ele na comunidade. E, ao mesmo tempo, discutir a diferença que existe entre a necessidade e a política dessa fome. Eu acho que teria a oportunidade de dizer todo dia: 'vocês estão vendo o que é o sistema?»

Liberta

«A luta: recriação vira o ma da Falar pação, da for 400 cu: jetos n jadas c preciso a ler e sidade

483 an

«É eng lência c sor, já vai e n esta vi 483 an porrete. de Deu um neg o que é ao long grupos grupos possível mes po marca»

Manha

«Uma r dos opi cessária mente, t E que, deza'. F não val digo: n de sobri manhas Do pom manha, corpo v. tem que palavras senhor, lançando isso que e fala o neira' de ele' volt: engenhei preciso O don ver, ele se dar todinho represen querendo a domin antes. l ter a co

Quem in violentad

«Quem i o que p poderoso

acho um
r com ser
está para
o que eu
e proble-
estar lá.
vo canto,
Eu acho

tes que o
r 'poder'.
ilo. Se o
do indica
ativa que
no medir
tentar os
o 120, é
político.
a mesma.
ouve um
tas eram
le que na
ierem em
blica que
ém, tinha

a revisão
tação. Eu
ardo que
ie porque
io não é
imaginou
eu velho,
ora, para
na janela
é fica aí
atirá, lá
Não dá!
encialista
a é você
a. Eu te
nir se eu
em nome
profun-

agora eu
ve juntar
esse eixo.
ia opera-
i fazendo
o que é
na santa
ocê sabe
ando vai
carência
u. E esse
o que é
dizer ao
me: 'não
rnalista'.
trabalhar
. E, ao
e, existe
ome. Eu
odo dia:

Libertação na miséria?

«A luta da libertação implica necessariamente na recriação do modelo econômico. Se isso não dá, vira o socialismo que a gente conhece. O problema da produção é central na mudança e na luta».

Falando sobre projetos alternativos de participação, Paulo Freire disse: «O projeto deve nascer da força do povo. Isso feito, vale mais do que 400 cursos de alfabetização. Se forem feitos projetos nascidos da força popular, as pessoas engajadas chegam e dizem: 'agora eu preciso ler! Eu preciso fazer nota da produção'. E o cara aprende a ler em um mês porque está enraizado na necessidade como tal».

483 anos de violência

«É engraçado! Tem muita gente que só vê a violência quando é a resposta do oprimido ao opressor, já reparou? Quando o cara, em São Paulo, vai e mete o porrete, todo mundo diz: 'tá vendo esta violência?'. Ninguém fala da violência dos 483 anos e que a massa popular só fez levar porrete. Essa não é violência, essa é a vontade de Deus! Ora, meu Deus do céu, não é possível um negócio desse! A gente tem que discutir aqui o que é esta violência histórica que vem se dando ao longo da história brasileira e o que gera nos grupos sociais que fazem essa violência e nos grupos sociais que recebem essa violência. Não é possível que os seres humanos passassem incólumes por essa violência, sem receber dela certas marcas».

Manha

«Uma dessas marcas que eu chamo das manhas dos oprimidos. Que no fundo são as táticas necessárias que os oprimidos, individual e grupalmente, têm que desenvolver para poder sobreviver. E que, de modo geral, a gente chama de 'safadeza'. 'Prometem as coisas e não fazem, essa gente não vale nada, não faz o que devia fazer'. Eu digo: não é safadeza coisa alguma, é necessidade de sobrevivência. É engraçado observar que essas manhas são manhas de níveis distintos. Por exemplo, o próprio corpo do oprimido vira manhoso. Do ponto de vista científico, em lugar de chamar manha, os cientistas chamam 'imunidades' que o corpo vai criando para poder sobreviver. O cara tem que aprender, por exemplo, a jogar com as palavras. O cara tem que aprender a dizer: 'sim senhor, sim; como não coronel, como não?' Balançando a cabeça e fazendo o contrário. É por isso que tem muito doutor agrônomo que chega e fala com os camponeses e sugere a melhor maneira de fazer uma sementeira e depois, quando ele volta, o cara fez o contrário. Na frente do engenheiro, ele diz: 'sim senhor', quer dizer: é preciso dizer 'sim senhor'. A dominação gera isso.

O dominado na luta que ele tem para sobreviver, ele já é grande demais. O dominado não pode se dar ao luxo de estar abrindo o jogo dele todinho para os dominadores, mesmo quando estes representantes somos nós. Subjetivamente não querendo dominar ninguém, querendo lutar contra a dominação, mas pertencemos à classe dos dominantes. E isso é uma verdade. E a gente precisa ter a coragem para enfrentá-la».

Quem inaugura a violência não pode ser o violentado. Tem que ser o violento

«Quem inaugura o desamor não é o desamado, é o que primeiro desamou. Como é o poder do poderoso que faz isso, a gente sempre vê a

violência via oprimido. Toda vez que os grupos dos oprimidos começam a se levantar, começam a se libertar, então se criam inúmeras instituições em favor da paz.

Eu me lembro, na África, a imprensa do mundo falava da barbaridade dos africanos quando os africanos pegavam os brancos e matavam. Mas havia um silêncio total dos 500 anos de morte que os brancos impingiram aos negros. Ninguém falou disso. Raramente se falou que Somoza tinha 75% da Nicarágua. Quer dizer: 75% das terras do país estava na mão dele. Tudo era dele. Esse cara matava, esfolava, fazia o diabo e isso não era violência».

Amor à vida

«Mas quando é o oprimido, é violência. E daí é preciso evitar a violência. Tanto quanto a gente possa evitar, a gente chamaria aqui de 'custo social da transformação', tanto a gente possa diminuir, evitar, melhor. Tenho a impressão que ninguém no mundo, sadio, gosta de morte. Só quando o cara é doente, é amoroso da morte. Eu acho que cedo ou tarde, nesse processo da 'nobre luta pela transformação social', neste processo conflitivo, um dia, quando os oprimidos conseguirem sanar essas injustiças, antes que eles tenham o poder de fazer, evidentemente que o outro lado não permite e faz tudo o que puder fazer para calar de novo a busca do povo. Uma vez mais, são os opressores que provocam a violência, não os oprimidos. A gente também não pode, e eu não faço isso, eu não posso aceitar que a minha presença no mundo se reduza a um discurso 'medioso' de apaziguamento dos oprimidos. Eu me recuso a isso. Agora, como sou um cara responsável, eu não faço um discurso para uma incitação, para o impossível de hoje. Ai eu acho que é irresponsabilidade. O processo de hoje é um processo de clarificação de um lado aos grupos oprimidos em face das causas e dos efeitos da opressão. Não preciso ensinar que eles são oprimidos, porque eles sabem que são oprimidos. O que é preciso, é clarear de um lado e de outro para arrancar caminhos possíveis de luta, para que a caminhada se clarifique».

Bom dia, seu invasor!

«Quando se trata, por exemplo, de um país invadido por outro país, ninguém fala do país invadido. Ninguém critica. Ninguém! Nem a Igreja. Porque ele está lutando para preservar a sua autonomia, o seu direito de ser. Mas acontece que os caras estão matando os invasores. Porque já imaginou o país invadido que resolve sair em passeata, cheio de flores nas mãos e dizendo aos invasores: 'bom dia, seu invasor, tome essas rosas que a gente quer bem a vocês!' Os invasores não vão embora. Ninguém diz que isso é violência. Quando Hitler, por exemplo, na Segunda Grande Guerra, saiu invadindo tudo quanto era país da Europa, fazendo aquela coisa toda, que demonstrou inclusive, como não há um alto progresso ininterrupto na história, a humanidade todinha não achou que era violência nenhuma dos franceses que desenvolviam os seus quadros para pegar de surpresa os alemães e liquidá-los, ninguém diz que isso foi uma violência absurda contra Hitler. Mas então, agora, por que é que quando a luta é ininterrupta da violência do grupo social dominante contra o grupo social dominado, continua o silêncio? Quando grupos sociais dominados se levantam para pretender ser, também para restaurar uma situação de liberdade, de respeito humano, isso é violência?»

Quebra-quebra

«Em São Paulo, no primeiro dia de posse do atual governador, os proprietários de ônibus retiraram os ônibus de suas linhas para exigir aumento. Agora, no momento em que retiraram os ônibus das linhas os operários chegam atrasados ao trabalho e perdem o trabalho e perdem dinheiro. E os operários se reúnem na rua e arrebentam um ônibus desses. Então, eles são criminosos e o proprietário que foi a razão de ser da revolta, que foi a causa da revolta, esse patrão não tem nada. Ele é considerado herói no país. Não dá! Não é possível!»

E o direito de defesa?

«Me dói pensar em morte. Agora acontece é que o uso da força em favor da justiça tem uma base ética. O uso da força que rompe com a situação de justiça, de decência, de dignidade humana essa que é a violência indesejável, que todo mundo tem que repudiar.

Quando você pretende usar a força para restaurar a justiça, então o conflito se dá. E aí se diz que o grupo violento está sendo exatamente o grupo dos oprimidos. O que eu acho é que está havendo muita cavilação nisso tudo. Só quando está se tocando no proprietário das terras, nos donos do poder. O que a gente não quer aceitar é a existência do interno. Os conflitos que se dão a nível de um país para outro, a gente aceita, chama isso de guerra, guerra justa, etc. O que a gente não está querendo aceitar, é, cavilosamente, que há conflitos internos e esses conflitos se dão na base de interesses de classes sociais. Há um outro sentido de caviloso. Na medida em que você sabe de 'a' e diz que 'a' é 'f', entende? É que você aceita uma coisa que é outra. É uma safadeza, uma mentira. Muitos caras que andam por aí, batendo a mão no peito, dizendo: 'nada de violência, irmãos'. Esses caras estão sabendo exatamente o que é violência. Mas eles pretendem continuar defendendo os interesses deles. Daí é que eles precisam, cavilosamente, convencer a você que qualquer tentativa menos cabalística é violenta, para você não brigar nunca. Muita cavilação que Deus fica triste com os que se rebelam. Ninguém me mostrou carta de Deus ainda mostrando isto. Porque inclusive, é com um ato de rebeldia que o ser humano se instaura como homem e mulher».

«Já dá pra entender»

A Diocese de Juazeiro produziu um filme de Maria Augusta São Paulo, no ano de 1981, retratando algumas lutas das comunidades após a construção de Sobradinho. O filme que tem o título «Já dá pra entender», recebeu menção honrosa da CNBB que anualmente destaca os melhores filmes nacionais. Paulo Freire, após assistir ao filme, fez alguns comentários para o grupo: «O Brasil vai mudar mesmo, quando um terço da população, pelo menos, fizer o que Riacho Grande fez. Daí muda esse treco. A comunidade de Riacho Grande, em certo momento, ela toma conta de si; é como se, de repente, a comunidade dissesse: 'Puxa! mas faz é tempo que a gente tá na mão dos outros e agora a gente tem é que estar na mão da gente mesmo'. Quando uma comunidade faz isso, ela começa a ter uma inteligência diferente da história. Ela apreende a história nas mãos também.

É o meu tempo aqui!

«Há um momento, no filme, em que aquele grande líder dizia: 'em mil oitocentos e não sei quantos, nós chegamos aqui. Meu bisavô chegou, meu avô chegou, meu pai chegou, em mil oitocentos e pouco. Não preciso de papel; é o meu tempo aqui'.

Quer dizer: isso é a história. Aquele cara poderia dar um curso de pós-graduação em história. Aquilo é a consciência da história. O que ele queria dizer, em primeiro lugar, é que há uma relação indiscutível entre o passado e o presente. Enquanto o passado reforça e clareia o presente, a gente transformando o presente, cria o futuro. Não há hipótese de autocultura, a não ser assim. É por isso que, em certo sentido, muito rigoroso, o dominador não tem futuro. Por que não tem futuro? Porque o futuro do dominador é sempre a continuidade do presente do dominador. Futuro mesmo tem é o oprimido, porque o futuro dele é a libertação. E sua libertação implica na reformulação da invenção do presente. A comunidade provou isso. Evidentemente, no momento em que o líder dizia aquelas coisas, se a gente dissesse a ele: 'explica mesmo esse negócio. Tu estás pensando na importância da história?' É claro que a pergunta talvez até assustasse, mas no fundo, lá na intimidade, ele tá sabendo que é isso mesmo.

O papel da história, não como algo que apenas ocorreu, mas o papel da história como algo que ocorre, que está ocorrendo. A história está-se dando. A história não é só essa que se conta, mas a história se faz».

Defesa da identidade cultural

«Como não há história que não seja também cultura e como não há cultura que não seja também história, o que acontece é que aqueles caras estavam defendendo ali o direito que se fundamenta historicamente e a consciência disso era tão clara que ele dizia: 'eu não preciso de papel'. É como se ele dissesse: o papel apenas constata o direito que a história já me deu. Por outro lado, eles defendiam ardentemente ali, por trás, o que não estava no discurso oral, mas estava no discurso dos corpos, eles defendiam, ao defenderem o direito de continuar no chão que estava sendo ameaçado de ser roubado, eles defendiam também a forma deles serem. Portanto, eles defendiam a sua identidade cultural».

O negócio dos faraós

«Não sei onde fica aquela comunidade. Eu estou sabendo que está por aqui, junto desse elefante branco, dessa barragem de Sobradinho. Isso é igual ao negócio dos faraós. Você já reparou como todo pedaço de história opressivo é sempre faraônico? Quer dizer: aquela coisa é a expressão de um poder que se faz através de construções e de obras, de obras que interessam ao poder. É uma espécie de orgasmo do poder. Os caras vivem gozando do poder deles e fazendo aqueles edifícios enormes. A mesma coisa num lugar chamado Egito. Andaram fazendo também, às custas dos escravos. É engraçado observar como toda cultura opressiva, violenta, tem algo de faraônico. E a massa popular é quem paga o faraonismo deles. E no Nordeste, o que me deixa impressionado, é como essa classe dominante nordestina, que é uma classe dominada e expoliadora, é uma sanguessuga, é pior do que a sulista».

Pilão arcac

Referindo-se Cupim (Pi no filme «J Grande e e diz: 'Qu uma cerca roso, engol metros o do velhinho defronte à veram isso. velhinho. S velhinho q se defender que a violé diz que a

Há ou não

«Mas há ou Há prefeito? Há justiça polícia ou r coisas eu a povo todo. governador? É o delegac é então o F terra dos o O velhinho porta dele. De modo ge quem contra

Mulher

«Eu sou 100 que eu não não devo, p feita pelas n com a procu mundo todo, de serem ele de iua, esse do Nordeste

Luta específica

«Eu diria de de que você: vocês, que é que perceber no fundo, ter oprimidos, e eu sou a fav algum tempo negócio de l não tem senti também', é p é mulher. É querendo sen lher. Porque sabemos e ter a essa luta, mulheres, no seres humano: o que não é culos que a n dinação ao h uma luta esp sua libertação tar realmente:

ele grande
ei quantos,
1. meu avô
tocentos e
seu tempo

o cara por
m história.
que ele
e há uma
presente.
presente,
o futuro.
ser assim.
rigoroso,
não tem
é sempre
or. Futuro
uro dele é
a reformu-
omunidade
to em que
disseste a
estás pen-
laro que a
fundo, lá
o mesmo.
que apenas
algo que
ia está-se
se conta,

a também
não seja
de aquele
to que se
ncia disso
preciso de
del apenas
deu. Por
te ali, por
orai, mas
maiam, ao
chão que
, eles de-
Portanto,
tl».

Eu estou
se elefante
to. Isso é
á reparou
é sempre
expressão
onstruções
o poder. É
Os caras
do aqueles
lugar cha-
às custas
como toda
faraônico.
faraonismo
impressio-
nordestina,
ra, é uma

Pilão arcado

Referindo-se à luta da Comunidade da Lagoa do Cupim (Pilão Arcado) que é também retratada no filme «Já dá pra entender», ao lado de Riacho Grande e outras, Paulo Freire descreve a cena e diz: «Quando um homem velho fala diante de uma cerca que um cara qualquer arbitrário, poderoso, engoliu dele 2 mil metros. Em lugar de 500 metros o cara afundou 2 mil para dentro da terra do velhinho. O cara poderoso meteu uma cerca defronte à casa do velhinho e até hoje não resolveram isso. É claro, esse cara rico não matou o velhinho. Se tivesse feito isso, se teria dito: 'o velhinho ofendeu o cara rico e o cara teve que se defender e foi forçado a matar'. Aí se diria que a violência foi de novo do povo, nunca se diz que a violência é do violento».

Há ou não há?

«Mas há ou não há autoridade nesta área daqui? Há prefeito? Há governador da Bahia ou não há? Há justiça na Bahia ou não há? Há delegado de polícia ou não há? Eu acho que há. Agora essas coisas eu acho que devem ser ditas de novo ao povo todo. Qual é a posição desse danado desse governador? É do PDS! E o prefeito? É do PDS! É o delegado de polícia? É do PDS? Que diabo é então o PDS? Como é que o sujeito invade a terra dos outros com uma sem-cerimônia dessa? O velhinho acorda de manhã e tem uma cerca na porta dele. A gente não caracteriza a violência. De modo geral, nunca se pergunta a violência de quem contra quem».

Mulher

«Eu sou 100% a favor da mulher. Evidentemente que eu não posso fazer a luta das mulheres, e não devo, porque a luta das mulheres tem que ser feita pelas mulheres. Mas eu concordo plenamente com a procura que as mulheres vêm fazendo no mundo todo, e recentemente no Brasil, à procura de serem elas mesmas. Eu acho que esse sentido de luta, esse combate a esse exagero machista do Nordeste brasileiro tem que ser feito».

Luta específica

«Eu diria duas coisas às mulheres: a primeira, de que vocês em um certo momento de luta de vocês, que é absolutamente necessária, vocês têm que perceber que a luta de libertação de vocês, no fundo, tem que ser uma luta de libertação dos oprimidos, e não só das mulheres. Vejam bem: eu sou a favor de que as mulheres lutem durante algum tempo especificamente a sua luta. Esse negócio de homem chegar e dizer: 'nada disso! não tem sentido, a luta é de libertação do homem também', é porque o homem é homem e a mulher é mulher. E ele não está sabendo, ele não está querendo sentir a problemática específica da mulher. Porque no fundo, evidentemente, todos nós sabemos e temos um pouco de clareza com relação a essa luta, todos nós sabemos que a luta das mulheres, no fundo, é a luta de libertação dos seres humanos. Portanto, inclui-se o homem. Agora, o que não é possível é desconhecer que faz séculos que a mulher tem uma experiência de subordinação ao homem. Então é preciso que ela tenha uma luta específica que é a sua luta, a luta da sua libertação. É por isso que ela tem que enfrentar realmente».

Exploração da mulher

«As vezes, nem sempre, por exemplo, essa luta significa luta contra o marido 'a' ou o marido 'b', mas é contra essa coisa que se vem chamando machismo. É exatamente o autoritarismo exacerbado do homem sobre a mulher. E que é uma coisa incrível. Veja: uma mulher operária, uma mulher camponesa, ela é duas vezes explorada. Ela é explorada porque é operária, porque é camponesa, porque é lavadeira, porque é doméstica e ela é explorada porque ela é mulher. Enquanto que o operário é dominado uma vez só, a mulher dele é dominada duas: pelo patrão e por ele. Essa luta de libertação da mulher, é uma luta absolutamente fundamental e à qual eu dou meu inteiro apoio».

Dona-de-casa

«Eu comecei a assumir umas tarefas domésticas que eu nunca tinha assumido. E, antes de assumir, eu usava de argumentos que os homens usam que não têm sentido. Eu dizia, por exemplo: 'mas há uma espécie assim de divisão de trabalho. Eu trabalho e trago o dinheiro pra casa. A Elza não está trabalhando hoje fora. Então ela trabalha em casa (isso no exílio). Então a gente se divide'. Mas acontece que ela não ganhava um tostão meu para trabalhar em casa como nenhuma dona-de-casa ganha. É trabalho que não é fácil. Então a mulher dá uma mão-de-obra extraordinária e não é paga por essa mão-de-obra. Antes, eu não ajudava a lavar os pratos. O meu pretexto, a minha explicação era a seguinte: se eu for lavar os pratos, se eu for lavar o banheiro, limpar a casa, eu tiro tempo das minhas leituras, eu tiro tempo das minhas escritas. E eu preciso escrever, eu preciso ler. Então a Elza faz. Olhe, isso é conversa, viu? Isso é uma tapeação, é papo furado. Porque eu lavei os pratos o tempo todo no exílio e, hoje no Brasil, faço isso aos domingos e não me atrapalho em nenhum livro que estou escrevendo».

Mais dois séculos

«Eu diria às mulheres que continuam integradas na sua luta, em termos críticos. A questão não é chegar amanhã e dizer: vamos fazer greve contra os maridos; não é isso. Não seria assim que as mulheres, afinal de contas, encaminhariam a sua luta. Mas o que é preciso é chamar a atenção, permanentemente, para a necessidade imperiosa de forma humanizada de entender o papel da mulher. E isso eu digo às mulheres: é muito mais tarefa de vocês do que nossa, de homens. Porque se vocês esperarem pelos homens, vão ficar aí mais uns dois séculos».

«Método Paulo Freire»

«Talvez eu devesse dizer, que na verdade, apesar da insistência com muita gente, há muito tempo, vem falando no Brasil de 'Método Paulo Freire', não me agrada até muito isto. Mas é uma verdade; isto é um fato e eu tenho que discutir os fatos. Apesar da insistência com que se fala, às vezes, nessa história do chamado 'Método Paulo Freire', eu tenho a impressão, talvez um pouco de imodéstia agora, que se trata muito mais de uma certa compreensão geral da educação, de uma maneira de praticar a educação, do que propriamente um método. Evidentemente que nessa compreensão geral da educação, que tem que ver com uma prática coincidente com essa compreensão

geral, há um método, entende? Quer dizer: no fundo o método cabe aí dentro, está aí dentro. Por isso que eu disse que talvez eu fique agora pouco humilde dizendo que a questão vai mais além do método, para alcançar uma própria compreensão da educação. Quer dizer: que diabo é isso de educação para mim? Como é que eu vejo a educação, enquanto um educador que também é um educando; enquanto um professor que também é um aluno? Há um sem número de aspectos, um sem número de temperos nessa compreensão da educação que eu venho defendendo, propondo e praticando. Eu ficaria com um que eu acho que dá para entender».

Liberdade do educando

«Esse elemento que eu gostaria de sublinhar, de chamar a atenção na compreensão e na prática da educação que eu defendo, é o da liberdade do educando, sabe? E o da liberdade do educador. É o respeito, portanto, que o educador deve se impor a si mesmo, o respeito ao educando para que ele também se possa respeitar. É o respeito ao educando, no sentido de que o educando se vá construindo como gente, em lugar de ir se reprimindo e virando coisa.

A educação deveria ser exatamente isso: uma prática, uma experiência de criação e recriação da própria vida. A educação tem muito que ver com a poesia, sabe? Por isso mesmo que ela é um pouco arte também, não? É essa constante busca de criar. Agora você vê a responsabilidade que a gente tem, como educador! É que a gente está diante do outro ser e a nossa arte de criar e recriar tem que ver com o outro ser! Agora, só que eu não tenho o direito de eu recriar a ti, se tu és minha educanda. Esse é o papel que te cabe: o papel de te refazer, com a minha ajuda. Mas ao mesmo tempo em que eu te ajudo, como educador, e tu como educanda, a que tu te faças e refaças, ao ajudar a que tu te refaças, tu me ajudas a que me refaça também, me refaça eu também. Então é esse aspecto que eu acho fundamental, de como eu entendo a educação. E, às vezes, eu me espanto de como me entendem mal! Como me colocam, como uma espécie de demônio misterioso!»

¿ que educação é essa?

«Concretamente. É claro que não é toda educação a que deprime, não é toda educação a que redime. É preciso ver que educação é. Eu até sempre digo: é preciso que nós, os educadores, sempre nos perguntemos: a serviço de quem nós estamos? e a serviço de que nós estamos. Eu, como educador, estou trabalhando a serviço de quê? O que é que eu quero? Qual é o meu sonho? Evidentemente que o meu sonho, que é um sonho de liberdade, que é um sonho de criatividade, um sonho de aventura, um sonho de risco, não pode ser viabilizado, possibilitado, através de uma educação que reprime, uma educação que amesquinha. E que educação é essa? É exatamente a educação que doméstica, por exemplo. É a educação através da qual o educador exerce um poder arbitrário de possuir a pessoa do educando, nos seus mais mínimos pormenores. O educando não tem que escolher o livro que deve ler, porque é o educador que sabe. O educando em casa, por exemplo, o filho, não tem o direito de escolher a melhor hora de estudar. Eu não estou propondo que o educador se omita, seja ele pai ou seja ela mãe, desapareça, entende? Mas o que não é possível é que a presença do educador, no processo educativo, se agigante de tal maneira, se exacerbe

de tal maneira, que a presença do educando, ou melhor, que o educando vire sombra do educador. Então isso é um absurdo. Se a minha presença, na minha casa, por exemplo, como na universidade, diante dos meus alunos, é uma presença de gigante arbitrário, todo-poderoso, mandão, como a gente tem no mundo tantos exemplos, o que seria da presença dos meus filhos em casa? E que seria da presença dos estudantes que trabalhavam comigo na universidade? Essas presenças teriam desaparecido e, em lugar delas, eu teria sombras pequeninas de mim».

Sumir para poder ficar

«Ora, essa seria uma educação deprimente, uma educação diminuidora da pessoa humana. Pelo contrário, o educador que trabalha em favor da pessoa é exatamente o educador que fica porque some, entende? É uma coisa meio doida dizer: como é que o cara pode ficar se ele sumiu? O que eu quero dizer com 'sumiu', não é sumir fisicamente, ir embora, fechar a porta, desaparecer. Eu, como pai, nunca desertei da minha casa. Mas acontece que só pude permanecer na minha casa, porque eu fui capaz de aprender a transformar a minha presença, não numa presença diminuidora da presença de meus filhos. É a isso que eu estou chamando de sumir para poder ficar. Pelo contrário, o pai que insiste em ficar é exatamente o pai que termina desaparecendo. Ele insiste tanto em ficar, ele sublinha, ele exacerba tanto a sua presença que ela termina sendo rejeitada efetiva e moralmente pelo filho ou pelo educando. É claro. É que essa temática é muito bonita, perceber exatamente, o que significa 'sair para ficar', há algo de poético nisso. Porque o poeta é exatamente uma presença que não se impõe. A presença do poeta é exatamente uma presença que acalenta, é uma presença que desafia e que desvela, mas que não molesta e que não se superpõe à presença de quem ama a poesia. Então, quem é poeta pode entender o discurso de uma pedagogia de liberdade».

É preciso que a gente viva a democracia

«A educação, como eu dizia, também não é uma prática neutra de 'deixa como está para ver como é que fica'. Eu falo sobre autoritarismo, porque como brasileiro a mim me dói, profundamente, que a gente pouco faça, às vezes, para dar um mínimo de contribuição no processo histórico brasileiro que independe da minha vida e da tua, enquanto indivíduos, porque a vida do país e a alma dele são maiores do que a nossa vida e a nossa alma. Porque a nossa vida e a nossa alma, se constitui, inclusive, na vida do país inteiro, da nossa comunidade brasileira. Eu acho que, às vezes, a gente faz pouco, contribui pouco para o processo de real participação democrática do povo brasileiro, na sua história. É preciso que a gente viva mesmo a democracia. Que a gente acredite nela. Mas, no Brasil, uma coisa incrível, eu não sei, eu não quero nem fazer citações aqui pessoais, não é por medo, é por uma questão até assim de método de trabalho, por exemplo. Mas, você repare, como essa falta de sensibilidade democrática, que é portanto autoritária, não? Ocorre entre nós diariamente. Você veja como certos homens públicos de uma responsabilidade nacional, histórica indiscutível, você observa que, às vezes, os discursos deles revelam uma tal insensibilidade pela liberdade do povo, pelo direito que o povo tem de manifestar-se e de escolher que revela, então, esse discurso, uma certa máquerência com a liberdade».

«Uma fosse mas (negócio tanto durante ouvidos nesse tado (não p mal, j tenho Quanc Jurun. Brasil Não s direito um de Essa em pr elite, da m: que n massa é eliti mente quand falo e o auto

Autori

«Sem ser re ao pa a esse esse b sileiro um de por is não f rismo! discurs acho c quante acho c sempre discurs com a uma a todos Com mentos minha Eu tiv na prá ainda estuda taria o

Exílio

«Olhe, maior, sas ric que eu de apre deixar quando Entã da mir eu trat da min cas. D povo i porque

quando, ou educador. A presença, a universidade, a presença de um, como os, o que em casa? E que trabalhos, eu teria

mente, uma ideia. Pelo favor da ideia porque a ideia diz: sumiu? O que é sumir e desaparecer da minha casa. Na minha casa a transformação diminuiu a isso que eu não quero ficar. O que é exacerbação. Ele e exacerbando rejeição pelo educador é muito difícil sair. Porque o que não se sabe sobre a gente que desagrada e que não é uma poesia. O discurso de

ia não é uma ideia. Ver como não, porque fundamentalmente, para dar um tom crítico brasileiro e a vida e a nossa alma, inteiro, da ideia que, às vezes para o caso do povo que a gente acredita, eu não sei pessoais, até assim. Mas, você sabe de demagogia? Ocorre em certos momentos da nacionalidade que, às vezes, tal insensibilidade direito de escolher uma certa má-

A elite tem uma raiva danada da massa popular

«Uma certa indisposição. É como se a liberdade fosse um inseto daninho! Que faz mal ao cara, mas o cara fala em nome dela! Isso é que é um negócio tremendo. Então você vê: eu tenho ouvido tanto e tenho lido tanto declarações de antes e durante o meu exílio, depois do exílio, eu tenho ouvido tantos homens de responsabilidade enorme nesse País, fazer beicinho, com raiva de um resultado de eleições. E declarar que na verdade o povo não pode eleger os seus prefeitos. Porque vota mal, porque vota errado! Mas que autoridade eu tenho para dizer que o povo está errado só? Quando o povo do Rio de Janeiro elegeu o líder Juruna, houve gente de muita responsabilidade no Brasil que dissesse também que o povo votou mal. Não soube votar, é um desperdício isso. Mas que direito eu tenho de dizer que votar no Juruna é um desperdício? No Timóteo é um desperdício?! Essa afirmação me parece profundamente elitista, em primeiro lugar. É uma afirmação de gente da elite, realmente. E a elite tem uma raiva danada da massa popular. Tem um ódio! É uma coisa que me dá susto a raiva que a elite tem da massa popular brasileira. Do outro lado, porque é elitista, essa inteligência do fato é profundamente autoritária. Então, a minha preocupação quando eu coloco, quando eu pergunto sobre que falo em Juazeiro, eu acho que eu devo falar sobre o autoritarismo».

Autoritarismo

«Sem fazer referências pessoais a ninguém, a não ser referir, genericamente, em tese, ao professor, ao padre, ao político, ao bispo, ao pai, mas não a esse professor, a esse pai, a esse padre ou a esse bispo. Do político em geral, etc. Como brasileiro não é só um direito que eu tenho, mas é um dever que eu tenho. Agora, evidentemente, que por isso mesmo que eu não sou autoritário: eu não faço discurso autoritário contra o autoritarismo! Porque há também isso. Há quem faça um discurso autoritário contra o autoritarismo. E eu acho que um dos temas no Brasil, tão importante quanto outros temas, é esse do autoritarismo. Eu acho que tanto quanto a gente possa dizer algo sempre sobre isso, sem raivas, sem ódios, nada disso. Não problema não é estar aqui zangado com 'a' ou 'b', é de estar exatamente tentando uma análise objetiva de um fenômeno de que nós todos fazemos parte.

Como brasileiro eu também tive os meus momentos autoritários, na minha adolescência, na minha juventude. Eu precisei aprender disso tudo. Eu tive no fundo, uma opção que eu confirmei na prática. E é por isso que, como professor, ainda que eu seja, que eu fosse desafiado pelos estudantes para eu virar autoritário, eu não aceitaria o desafio».

Exílio

«Olhe, eu não seria capaz de dizer qual a riqueza maior, mas eu seria capaz de falar algumas dessas riquezas. Sem que eu seja masoquista, sem que eu goste de sofrer. Foi exatamente a riqueza de aprender a conviver com a minha saudade. Não deixar que a saudade virasse nostalgia. Porque quando a saudade vira nostalgia, tu te infernas.

Então o que aconteceu comigo é que eu cuidei da minha saudade. Eu tratei bem dela. E como eu tratei bem da minha saudade? Eu tratei bem da minha saudade, tratando bem das minhas marcas. Das marcas da minha cultura que o meu povo me deu. Tratei bem da minha saudade porque eu aprendi a ter, fora e longe do Brasil,

diariamente, o Brasil como uma pré-ocupação. É um cuidado enorme. A convivência com a saudade que virou uma saudade mansa, bem comportada, educada, uma saudade que não choramingava, uma saudade que dormia direito. Então, essa coisa é uma das riquezas que o exílio me ensinou».

Paciência/impaciente

«A outra, que o exílio também me ensinou, foi realmente a de cultivar uma paciência impaciente. Eu tinha profunda paciência por estar longe do Brasil. Mas, ao mesmo tempo, que minha paciência me envolvia e me amaciava a saudade, uma impaciência por voltar, alimentava também a saudade. Não sei se está claro isso. De um lado, a paciência me ajudava a ter uma saudade mansa do Brasil. Do outro, a impaciência da volta me ajudava a saudade a continuar existindo, e, portanto, a que eu não me esquecesse de mim mesmo, isto é, do Brasil. Esse foi um outro segundo imenso ensinamento de riqueza que a gente cultivou no exílio. Mas outra riqueza que o exílio também nos deu a nós, a mim, à minha mulher e meus filhos, foi a de que a cultura não se trata com juízos de valor. Em outras palavras: nós aprendemos no exílio que não há nenhuma forma de ser de povo nenhum, que seja superior ou inferior à outra. Nós, os brasileiros, somos tão formidáveis e tão deficientes quanto os suíços são eficientes, competentes e maus também. Quer dizer: não há uma forma de cultura que seja melhor que a outra. E toda vez que uma cultura de um grupo social, de um país se pretenda superior a outra, ela tende a uma postura autoritária e totalitária. Isto nós aprendemos, no Chile, a viver diferentemente do Brasil, não superior ou inferiormente. Aprendemos nos Estados Unidos, quando eu fui professor de universidades norte-americanas e morei lá com meus filhos. Aprendemos a compreender as formas de ser dos Estados Unidos em relação a nós. Não são nem melhores e nem piores do que nós. Aprendemos na Europa, vivendo na Suíça, em Genebra, uma cidade linda que parece um cartão postal. Aprendemos a compreender os suíços na sua frieza, na sua distância, mas isso não significando, de jeito nenhum, que pelo fato de ser frio afetivamente, distante, que não é gente. Aprendemos na África, aprendemos na Ásia, e mundo inteiro».

O exílio me ensinou a ser de novo

«A andarilhagem a que o exílio me levou, me ensinou profundamente a ser de novo. No fundo eu nunca deixei de ser, e a própria saudade do Brasil que eu aprendi a amaciar jamais me fez triste. Eu e minha família jamais fomos infelizes no exílio. E até quando nós não admitíamos a hipótese de voltar, porque durante muito tempo do exílio, nós nunca mantivemos, ou nunca tivemos a ilusão da volta. Nós pensávamos que os filhos voltariam, mas nós não. Então, quando deu para voltar, foi uma maravilha, entende? Quando, você não imagina, no dia em que deu para voltar, eu não pude ficar mais, de jeito nenhum, na Europa. Nesse momento a impaciência ganhou realmente da paciência. E eu peguei o avião e vim embora com Elza. É claro, ficou um filho, ficou uma filha que se casou. A brasilidade em nós jamais se acabou. No fundo, a minha recifidade explica a minha pernambucanidade, e a minha pernambucanidade explica a minha brasilidade, a minha brasilidade explica a minha latino-americanidade, a minha latino-americanidade me faz então um homem do mundo. E isso o exílio me ensinou. O exílio me trouxe de novo ao Recife, às raízes do Recife: Capibaribe, Capibaribe».

Você acredita na educação libertadora na Diocese de Juazeiro?

«Onde quer que haja gente, onde quer que haja mulher e homem, sabe? eu acredito que se possa fazer alguma coisa. Para mim o importante é fazer realmente. Eu não posso é deixar para amanhã o que devo fazer hoje. E é por isso que, às vezes, eu me canso; porque eu, de modo geral, atendo aos chamados. Não porque eu me ache bonzinho; eu tenho horror a esta palavra. Eu não sou bonzinho de jeito nenhum. Mas é porque eu acho que tenho um compromisso, como nós todos temos. Afinal de contas, existir é comprometer-se. Agora, evidentemente, o que a gente não pode e sobre isso eu vou conversar com Dom José, o que a gente não pode é pensar, ou melhor, é animar, ou embalar-nos em sonhos muito idealistas, muito que saiam do real. Evidentemente a nossa vinda agora é muito mais uma vinda exploratória de trabalho. Nós temos passado esses dias todos e eu tenho achado uma coisa fantástica, eu, pra mim, como oportunidade de crescimento, entende? Como oportunidade de reconhecer o conhecido. Tem sido uma beleza. Nós passamos de 8 da manhã ao meio-dia, e de 14 às 16, discutindo, debatendo analisando problema por problema. E os problemas são sempre postos a nós por eles. Problemas da prática deles. O cara diz: 'Paulo, eu trabalho tal... de certa vez, em certo momento, então eu tenho tal problema! Como confrontar esse problema?' Então aí eu tento compreender, teoricamente, o problema concreto que vem da prática. E ao fazer isso, evidentemente, que a gente vai, de certa forma, capacitando e recapitando os quadros que estão aí. Isso não significa, porém, que amanhã, que depois de amanhã, segunda-feira que vem, que a equipe que está aí possa realizar um esforço de capacitação de outros quadros a um nível que satisfaça a própria equipe. Mas, só se aprende fazendo. Então o que eu vou dizer a Dom José e a eles também, quando me despedir, é que não tenham medo de começar a fazer. E no caso deles, aliás, o que já fazem. Eu acho que há trabalhos aí fantásticos, independentemente de mim. Há trabalhos aí excelentes que revelam, inclusive, uma ddiversidade extraordinária por parte da equipe de jovens com quem estou trabalhando».

Pedagogia do oprimido

«O livro 'Pedagogia do Oprimido' que eu escrevi em 1968, vou falar rapidamente na teoria desse livro. Eu escrevi esse livro a partir da minha prática, a partir da minha experiência no Brasil, já no exílio, no Chile, em 1968. Eu escrevi esse livro em 15 dias, os três primeiros capítulos do livro eu escrevi em 15 dias, de noite. Eu trabalhava até 3 horas da manhã, depois eu ia dormir e a Elza levantava e lia. Lia o que eu tinha escrito e, às vezes, ela me acordava e dizia rindo: Paulo, depois desse livro, o novo exílio talvez seja na lua. Então eu me ria muito com as advertências dela. Por isso que eu, na dedicatória, eu digo que ela é a minha primeira leitora.

Mas eu escrevi esse livro, e uma das intenções ao escrever este livro, era exatamente mostrar que os oprimidos precisam de uma pedagogia sua, que eu inclusive não estou propondo que seja esta que eu escrevi. Escrevi sobre isso. E eu dizia então que essa pedagogia, no fundo, tem que ser forjada por ele oprimido, não pelo opressor.

Olhe, independentemente da boa vontade individual do opressor, — independe disso! — o opres-

or não pode fazer a pedagogia do oprimido, como o oprimido não pode fazer a pedagogia do opressor. Pedagogia do opressor quem faz é o opressor mesmo. Como a pedagogia do oprimido tem que ser feita por ele. E tem que ser feita, elaborada, re-elaborada na prática da sua libertação».

Marca cristã

«E você me diria: 'Mas, Paulo, qual é o papel seu, papel meu e papel de outro que, não sendo opressor, também não é oprimido?' Eu aí diria: no ato de forjar esta pedagogia, essa pedagogia é forjada pelo oprimido e por aqueles e aquelas que, na verdade, aderem a ele. Então, por isso é que eu falo também na própria 'Pedagogia do Oprimido', nesse livro, usando uma linguagem que é uma linguagem que reflete também a minha marca cristã. Que no fundo, para que você não sendo participante originariamente da classe ou do grupo social oprimido, para que você participe dele, adira a ele, em certo sentido, você tem que fazer a verdadeira Páscoa: você tem que fazer a passagem, você tem que fazer a travessia. E essa travessia implica em certo sentido, que tu tens que morrer um pouco, para renascer diferentemente. Essa coisa, na verdade, é baitamente difícil. Eu não vim pr'aqui, feito os fariseus, bater com a mão no peito e dizer: 'Eu sou o pedagogo dos oprimidos'. De jeito nenhum! Humildemente eu digo: eu sou um, entre outros educadores, que se afilligem com a situação dos oprimidos. E que tenho fazer um mínimo de cumprimento de uma tarefa».

Aos educadores

«Eu diria aos meus colegas e às minhas colegas, professoras e professores desta área, professoras primárias, professoras leigas, professoras que não passaram pela escola normal, não importa. Minhas colegas e meus colegas educadores, eu deixo aqui a todos eles um grande abraço. Mas um abraço não formal, um abraço de esperança. De esperança em que, apesar de tudo, e quando nada seja favorável se quer ter esperança, que a gente, e, portanto, que eles continuem a ter».

Mensagem final de Paulo Freire

«O autoritarismo se revela, no fundo, um profundo medo de correr risco. Eu gostaria de dizer bem alto:

1º) Que existir é arriscar-se. Não há possibilidade de existir sem correr risco;

2º) Não há possibilidade de criar sem correr risco. A criação é arriscada e, quando o ser se nega ao risco, ele se castra e já não cria.

Então, não é possível envelopar os filhos da gente, botar endereços em cima deles. Eles é que têm de descobrir, nos seus caminhos, o endereço aonde têm de ir. Criando, re-criando as estradas» (Palestra em Juazeiro, BA, 19-04-83).

Notas de Bispos Brasileiros aos seus Diocesanos

Alguns bispos diocesanos nos enviaram cópias de mensagens dirigidas às respectivas dioceses, solicitando sua divulgação em nossa revista.

Volta
realiz
Cesa:
manc
muni:
Otoni:
De
Lope:
Exerc:
Neto:
agosl
lhant
teatro
tra d
Impe:
tidos
ralme
cado,
Co
sitas
foran
meno
dades:
To
num
vez c
Opos
rões
nia e
do p.
no c
passa
Co
gaste
Arma
povo.
Re:
1.
senta
ao P
Papa
bispo
do F
algun
perte
Se
consi
autor
católi
const
2.
trans
como
ro. se
milita
povo.
bispo
nova
gênci
positi
poder
atos.
Coi
este
ser f
diz:
não é